COLLOQUIUM
Revista Multidisciplinar de Teologia
ISSN: 2448-2722

Seção II: Ensaios – Volume 6, Número 1, maio de 2021

A ESTÉTICA TEOLÓGICA DA TRANSCENDÊNCIA E O CATÁLOGO DAS ARTES PROSCRITAS

The Theological Aesthetics of Transcendence and the proscribed arts catalog

José da Cruz Lopes Marques*

Lattes: http://lattes.cnpq.br/5969708571997536

RESUMO: O presente ensaio estabelece uma reflexão acerca da relação entre estética e teologia. Concebe-se, inicialmente, a noção de Estética Teológica da Transcendência e, partir dessa noção são analisadas algumas manifestações artísticas, comumente, desvalorizadas pela tradição protestante, a exemplo da escultura, da arquitetura, do teatro e do grafite. O objetivo da reflexão é ressaltar o valor de transcendências dessas manifestações e, em última instância, como elas podem expressar os ideais divinos de beleza e servem para ornamentar o relacionamento entre o crente e Deus.

Palavras-chave: Estética Teológica; Transcendência; Beleza; Arte; Sentido.

ABSTRACT: This essay reflects on the relationship between aesthetics and theology. Initially, the notion of Theological Aesthetics of Transcendence is conceived and, based on this notion, some artistic manifestations, commonly devalued by the Protestant tradition, are analyzed, such as sculpture, architecture, theater and graffiti. The purpose of reflection is to highlight the transcendence value of these manifestations and, ultimately, how they can express the divine ideals of beauty and serve to ornament the relationship between the believer and God.

Keywords: Theological Aesthetics; Transcendence; Beauty; Art; Sense.

* Formado em Teologia pelo Seminário Batista do Cariri, graduado (UFPA), mestre e doutor e Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor de Filosofia do Instituto Federal do Ceará (IFCE) e professor colaborador da Faculdade Batista do Cariri (FBC) na área de Filosofia e Teologia Contemporânea. Membro do grupo de estudo KIERKEGAARDIANDO, liderado pelo Prof. Dr. Evanildo Costeski. Contato: markvani18@yahoo.com.br.

Recebido em: 20/04/2021 **Aprovado em:** 11/05/2021

NOTA INICIAL

> *A beleza consiste em padrões de ordem. O caos total é feio. Os movimentos das estrelas de acordo com as leis naturais são uma bela dança. Os medievais pensavam nos planetas como levados por esferas pelo céu, e seus movimentos regulares produziam a 'música das esferas', cuja beleza os seres humanos casualmente ignoravam, embora fosse uma das coisas mais belas que existissem.* (SWINBURNE, Richard. **Deus existe?**).

No livro sexto de seu tratado *Sobre a Trindade* (*De Trinitate*), Agostinho atribui ao Deus Trino a origem de toda a beleza. Com isso, o bispo de Hipona ressalta aquele que se constitui em um dos elementos mais fundamentais para a elaboração de uma estética teológica. Este pressuposto será assumido por aquilo que aqui designamos como Estética Teológica da Transcendência. Antes de qualquer coisa, definamos o uso dessa nomenclatura.

O termo, na sua forma substantivada, será preferido a fim de evitarmos a confusão entre essa noção e a célebre categoria da estética transcendental desenvolvida por Kant na primeira parte da *Crítica da razão pura* e que, para o filósofo alemão, refere-se à ciência que se dedica aos princípios *a priori* da sensibilidade. Ainda que a estética precise lidar com elementos *a priori*, não é esse o sentido que pretendemos aqui. Em que consiste, então, nossa Estética Teológica da Transcendência? Antes de tudo, ela é teológica porque se propõe a analisar a obra de arte valendo-se de categorias bíblico-teológicas. Ao mesmo tempo, ela se apresenta como um meio para satisfazer o anseio humano pela transcendência. Essa transcendência pode ser realizada tanto em direção à Infinitude quanto objetivando as coisas finitas. A verdade é que a arte possibilita transcendências autênticas e transcendências inautênticas. Neste ensaio abordaremos o primeiro aspecto, isto é, consideraremos os usos autênticos da arte na perspectiva da Estética Teológica da Transcendência.

Para efeitos de demarcação, o conceito de Estética Teológica da Transcendência será aplicado, sobretudo, àquelas expressões artísticas pouco empregadas e, às vezes menosprezadas, em especial, no contexto da tradição protestante em geral. É o que aqui designaremos como artes proscritas. Neste catálogo constarão a escultura, a arquitetura, o teatro e o grafito. Nosso objetivo, com isso, é mostrar que mesmo estas manifestações, corretamente orientadas, podem proporcionar experiências autênticas de transcendência e acrescentam beleza à relação entre o homem e Deus.

1 – BELEZA, TRANSCENDÊNCIA E *IMAGO DEI*

> *A arte, como nós a conhecemos, situa-se no limiar do transcendental. Ela faz-nos olhar para lá deste mundo de coisas contingentes e desconexas, para outra realidade que dá à vida humana uma lógica emocional que faz nobre o sofrimento e com que o amor valha a pena. Por isso, ninguém atento à beleza é alheio ao conceito de redenção - a uma transcendência final da desordem moral no 'reino dos fins'.* (SCRUTON, Roger. **Beleza**).

A relação entre beleza e transcendência pouco nos surpreende quando olhamos o modo como arte e religião tem andado juntas ao longo da história. A verdade é que existe uma sacralidade *da* arte. Não estou simplesmente dizendo que há uma sacralidade *na* arte, referindo-me ao uso que a religião tem feito do elemento artístico ao longo da história, estou falando de algo mais fundamental, isto é, da capacidade intrínseca à experiência estética de despertar o nosso desejo pela transcendência. De modo geral, o encontro com a beleza, mais que um encontro entre os nossos sentidos e os objetos artísticos, é uma forma de nos colocar em sintonia com nossa essência primordial.

A noção de sacralidade da arte não exige, sequer, que o objeto artístico contemplado por nós seja estritamente religioso. Podemos ter essa experiência diante uma obra que apenas retrata a realidade do mundo. Por exemplo, podemos ser arrebatados pelas formas e cores de uma pintura, pela leveza e proporção de uma escultura e pela harmonia e ritmo de uma música. Não precisa, necessariamente, que estas peças artísticas estejam retratando temas religiosos para que sejamos levados para lugares distantes e nos coloquem frente a frente com questões fundamentais de nossa existência. Às vezes, nem é necessário que apreendamos em termos intelectuais o sentido mais amplo dessas obras de arte. Já em uma primeira impressão, os nossos sentidos, aliados à nossa imaginação, proporcionam o voo ontológico da transcendência.

Estritamente falando, a arte não apenas opera o movimento da transcendência. Ela possibilita, além disso, uma espécie de encontro com o transcendente, numa espécie de satisfação do anseio ontológico que repousa em nossa alma, o preenchimento da nostalgia imortal que marca nosso ser, na expressão usada por Roger Scruton. Isso ocorre porque, apesar da Queda, o homem ainda conserva na mente os vestígios das ideias eternas de beleza. Esta característica é tão marcante que, a experiência com o transcendente, de maneira diversa, pode ser vivenciada tanto pelo artista quanto por aquele que

simplesmente contempla a obra de arte. De fato, há uma relação ontológica entre beleza e transcendência. A filósofa francesa contemporânea Simone Weil, em sua obra *Espera de Deus* captou essa verdade de um modo poético a ao afirmar que a beleza do mundo é o terno sorriso de Cristo ao homem através da matéria, e o amor a essa beleza é uma dádiva que Deus conferiu à nossa alma. Desse modo, afirma, a beleza resplandece tanto na ordem do mundo quanto na luz interior da alma humana. Não é à toa que mesmo alguém como Oscar Wilde, que usou a sua arte para exaltar o erotismo, o cinismo e o sarcasmo precisa reconhecer essa relação. No prefácio de sua obra mais célebre, *O retrato de Dorian Gray*, o escritor britânico distinguiu três tipos de críticos de arte. Existem aqueles que encontram significados torpes nas coisas belas, os que encontram significações belas nas coisas belas e ainda aqueles para quem as coisas belas significam simplesmente a beleza, denominados, respectivamente, corruptos, cultos e eleitos. De qualquer forma, o movimento de transcendência é percebido nos três casos, mesmo que de maneiras diversas.

O que dizer, entretanto, quando a contemplação da beleza do objeto artístico leva-nos ao encontro de objetos puramente humanos e, o que é mais problemático, até contrários a Deus? Mais à frente retomaremos essa discussão. Por enquanto, iniciando sua resolução, precisamos definir o sentido de transcendência no presente capítulo. Transcender significa encontrar a razão última de algo, dirigir o pensamento para o sentido, é ser capaz de ir além de si mesmo em busca de algum fundamento para experiências particulares ou para a existência em acepção mais ampla. De qualquer modo, esse movimento será sempre realizado na experiência estética. Certamente, a transcendência envolve uma dimensão mística, mas ela é, antes de tudo, uma experiência que aspira o sentido.

O problema é que, quase sempre, o movimento da transcendência é realizado de modo equivocado, isto é, tanto o artista como aquele que contempla a obra de arte podem eleger para si uma razão puramente finita como finalidade última de sua transcendência. Isso pode ocorrer, por exemplo quando uma obra de arte exaltando a natureza, não consegue nos levar a uma razão para além da beleza encontrada nas coisas finitas. Em um estágio ainda mais distorcido, a transcendência pode ser operada em direção a um objeto completamente contrário a Deus, a exemplo de uma pintura que exalta a pornografia ou versos que incitam a violência aos homens e o escárnio para com Deus.

Dizer que o encontro com a beleza proporciona a transcendência não significa dizer que esse movimento será realizado da forma correta. Mesmo a pornografia pode promover a transcendência, mas, neste caso, como nos lembra Scruton, perde-se completamente a beleza. Assim, podemos fazer uma modificação na classificação apresentada por Wilde, aplicando-a a todos aqueles que desfrutam dos objetos artísticos. Os corruptos são aqueles que transcendem no sentido das coisas vis e moralmente detestáveis, os cultos, os que transcendem rumo às belezas finitas, já os eleitos, são aqueles que realizam a transcendência em direção à Beleza Infinita.

O estabelecimento de parâmetros para uma estética teológica, para uma compreensão teológica da beleza, em sentido mais específico, não pode deixar de lado a doutrina da *Imago Dei*. Teologicamente falando, a imagem divina foi comprometida pela Queda, mas não totalmente extraviada. Em virtude da imagem, o artista é ainda capaz de criar objetos belos expressando não apenas traços de beleza na natureza criada, mas os vestígios das ideias eternas depositadas em sua mente por ato criativo. A *Imago Dei*, entretanto, não apenas torna a criação possível, ela favorece a contemplação da beleza por parte daquele que apenas aprecia a obra de arte.

Lamentavelmente, a Queda, representou um sério comprometimento da Imagem de Deus no homem, inclusive, no plano estético. Este fato compromete o movimento de transcendência, que é a capacidade de o finito ir para além si mesmo em busca da razão inicial de suas inquietações mais profundas. De Fato, o comprometimento estético da Queda pode ser pensado em dois sentidos. Este elemento afeta tanto o artista no ato da criação quanto o que usufrui da arte em sua contemplação. O pecado promove a corrupção do gosto, ou seja, ele nos leva a encontrar beleza e satisfação em objetos inadequados. Este fato drástico, contudo, não inviabiliza o movimento transcendental que a arte pode realizar. A arte ainda pode proporcionar um verdadeiro encontro com a beleza.

2 – O CATÁLOGO DAS ARTES PROSCRITAS

> *Seguem-se as artes, sejam as liberais, sejam as manuais, aprendendo as quais, visto que certa aptidão nos é inata a todos, também nelas se evidencia o poder da agudeza humana. Mas, ainda que nem todos sejam aptos para aprender todas elas, todavia é marca bastante segura da energia comum o fato de que não se acha quase ninguém em quem não se evidencie proficiência em alguma arte* (CALVINO, João. **As institutas** I).

Não há dúvida que a relação com Deus com o auxílio da beleza artística torna-se uma experiência mais rica e fixa de modo mais preciso, na mente do crente, as verdades divinas. Obviamente, a ausência desses objetos não inviabiliza a relação com Deus, o culto, a adoração. Por outro lado, eles são um instrumento poderoso e eficaz na realização do movimento fundamental da transcendência. Infelizmente, a tradição protestante, de um modo geral, tem dado uma atenção bastante simplória às obras de arte como elemento importante no culto à Deus em comparação a outras religiões e até mesmo ao catolicismo. É verdade que o próprio Calvino, como vimos, possuía uma visão bastante positiva das artes em geral, considerando-as expressão da agudeza e engenho do homem criado por Deus. Lutero, curiosamente, na sua obra polêmica *Contra os profetas celestiais* chega a admitir a escultura, desde que ela não tenha a finalidade de promover a idolatria. Neste sentido, um crucifixo ou uma Madonna poderiam ser usados com valor memorial. Uma visão bem mais extremada sobre as artes era sustentada pelo reformador suíço Ulrich Zuinglio, o qual proibiu expressamente o uso de arte na igreja sob o argumento de preservar a centralidade das Escrituras e dos sacramentos. De certo modo, a visão protestante, ainda que mais moderada, está mais próxima da concepção de Zuinglio. A arte, na maioria das vezes, fica restrita à música e, mais recentemente, ao cinema, muito mais em virtude do apelo visual que essa expressão artística representa. Isso vale para as artes em geral, mas, certamente, existem aquelas que são ainda menos prestigiadas.

Se fizéssemos uma pesquisa entre os cristãos protestantes que têm alguma noção de arte, pedindo para que listassem artistas célebres das várias modalidades artísticas, notaríamos essa escassez de referências em algumas modalidades artísticas. Nossos entrevistados, provavelmente, apresentariam uma lista considerável de compositores e cantores cristãos famosos e, talvez, apresentariam uma lista de bons filmes sobre a fé cristã. Não obstante, teriam bem mais dificuldades para listar os poetas, pintores e atores cristãos. Alguns, sequer, atribuiriam algum valor artístico à arquitetura, restringindo sua

utilidade meramente à construção de templos, outros, tenderiam a confundir a escultura com a idolatria e olhariam para um objeto esculpido como a expressão de algo abominável. Essa visão depreciativa da arte em geral não representa novidade. Já Agostinho colocava o teatro, a pintura, a escultura e a fábula como artes humanas supérfluas. Curiosamente, o pensador patrístico faz esta classificação na mesma obra em que afirma que toda verdade, onde quer que seja dita, é divina, *A doutrina cristã*.

A partir de agora refletiremos sobre o valor de transcendências de algumas expressões artísticas que, em geral, são vistas com bastante reserva pela tradição protestante. Tomaremos como exemplo quatro destas manifestações, a saber, a escultura, a arquitetura, o teatro e o grafito, o que intitulamos acima como catálogo das artes proscritas. Nossa ideia é que estas manifestações, bem orientadas, podem fornecer momentos autênticos de transcendência.

2.1 – A escultura

De todas as manifestações artísticas, a escultura é, possivelmente, a menos prestigiada pela tradição protestante. De fato, a própria noção de escultura protestante soaria bastante estranha para muitos. O estranhamento decorre de uma associação descontextualizada entre escultura e idolatria, a ideia de que a arte escultural violaria a exigência do segundo mandamento do Decálogo: "Não farás para ti imagens de escultura" (Ex. 20:4). Esta associação, obviamente, não leva em consideração o contexto da proibição. Claramente, o foco da proibição não é a escultura em si, mas o uso desses objetos como uma distorção do culto ao verdadeiro Deus. O combate, portanto, não é primariamente à escultura, mas à idolatria, o que fica expresso logo no primeiro mandamento da Lei Mosaica: "Não terás outros deuses diante de mim" (Ex. 20:3). De fato, a continuação do próprio mandamento que proíbe a fabricação de imagens deixa claro que o alvo do preceito divino é proibir a idolatria. "Não lhes adorarás, nem lhes darás culto", complementa o texto sagrado. A rigor, os quatro primeiros mandamentos orientam a adoração ao Deus Único.

Deve ser lembrado, além disso, que no contexto da proibição, há uma certa confusão entre escultura e idolatria, ou seja, a produção escultural possui, em geral, uma finalidade religiosa. Ela era empregada para representar as várias divindades pagãs, produzindo objetos que seriam utilizados no culto a essas divindades. O escultor, portanto, não era meramente um criador de objetos artísticos, mas um fabricante de ícones

sagrados. A prova disso é que, na maioria das vezes que o termo é utilizado na Bíblia, ele está associado ao culto às divindades pagãs. Isso explica a radicalidade da proibição divina. Entretanto, o uso da escultura na produção de objetos artísticos associados à relação com o Deus verdadeiro pode ser visto nas Escrituras. Tal fato, parece fortalecer a ideia segundo a qual o alvo da proibição divina não é à escultura propriamente dita, mas o seu uso no culto idólatra.

Para fazer uma nota histórica, a condenação dos profetas veterotestamentários em relação à escultura, a exemplo de Isaías, Jeremias e Ezequiel, é sempre ao uso dessa arte como instrumento de promoção à idolatria. Uma das mais contundentes críticas à escultura encontra-se no deuterocanônico de *Sabedoria* (13). Também nesta obra, a crítica é ao uso da arte escultural para a representação e adoração de falsos deuses. As belezas finitas deveriam levar o homem a adorar o Deus Infinito, mas a idolatria obstruiu esse propósito. O Novo Testamento não muda esse entendimento, pelo contrário, dará maior ênfase a ele ao colocar em evidência o caráter interior e subjetivo da idolatria. Tal concepção foi seguida pelos primeiros pensadores cristãos. Mesmo alguém como Taciano, notável por seu desprezo em relação às realizações culturais gregas, no tópico sobre a escultura de seu *Discurso contra os gregos*, só condena a escultura na medida que que ela é utilizada para promover a idolatria e a imoralidade. A posição é endossada pelo mais importante pensador cristão dos cinco primeiros séculos. De fato, a crítica de Agostinho à pintura e à escultura no livro X das *Confissões* é somente àquelas que ultrapassam os limites do necessário, da moderação e da piedade. A seguir, consideraremos alguns exemplos em que a escultura está associada a adoração do Deus verdadeiro;

O primeiro exemplo refere-se à serpente de bronze, cuja feitura foi ordenada pelo próprio Deus (Nm. 21:4-9). Nesse contexto, o povo estava sendo atormentado por serpentes abrasadoras em virtude de sua murmuração contra o Senhor e contra Moisés. Deus, então pede para que o povo faça uma serpente de bronze. Segundo a narrativa, aquele que, após ser mordido, olhasse para a serpente esculpida seria curado. Neste caso, não temos uma obra de arte, no sentido estrito do termo, mas, certamente, chama à nossa atenção o fato de Deus determinar a representação justamente do objeto que ele mesmo enviara para afligir o povo. Obviamente, não há nenhum poder mágico inerente ao objeto esculpido. O mais importante, sem dúvida, é a obediência à orientação divina. É provável que a escolha da serpente tenha, antes de tudo, um valor pedagógico, uma lembrança

permanente de que, por causa da desobediência, serpentes abrasadoras produziram a morte e, por meio da obediência, a serpente de bronze produziu a vida. Séculos depois, o autor do pseudoepígrafo Sabedoria, reforçará essa linha de interpretação ao afirmar que a serpente de bronze era um símbolo de salvação (Sb. 16:5-8). Por fim, Cristo exploraria o caráter mais transcendente dessa imagem ao relacionar a serpente de bronze à sua própria pessoa e a salvação física do povo de Israel à salvação espiritual do mundo (Jo. 3:14-16).

Este elemento pedagógico, é bastante apropriado à arte, sobretudo, quando pensamos a arte a partir de uma Estética Teológica da Transcendência. Nesta compreensão, objetos artísticos podem ajudar na recordação e fixação de verdades em nossa mente, auxiliando o movimento de transcendência. De fato, o povo de Israel preservou a serpente de bronze como uma espécie de memorial permanente do terrível episódio no deserto. A imagem da serpente, certamente, os fazia lembrar da morte pela desobediência e da vida pela obediência. Sabemos, pela narrativa bíblica que, nos dias de Ezequias, a serpente de bronze será destruída, pois passara a ser cultuada pelo nome de Neustã (II Re. 18:4). A destruição da serpente reforça ainda mais a nossa tese de que o mandamento do Decálogo não tem como foco a escultura em si, mas a idolatria. Quando as duas ações se confundem, o objeto esculpido por ordem do próprio Deus, precisa ser descartado. A idolatria torna o objeto artístico, feito para aproximar o homem de Deus, um instrumento de afastamento.

Contudo, nenhum exemplo sobre o uso da escultura no contexto do culto a Deus é mais emblemático que aquele que se refere à construção do tabernáculo/templo. A verdade é que a construção desses locais de adoração envolve uma rica e sofisticada escultura, cuidadosamente descrita no relato bíblico. Os objetos esculpidos vão desde os objetos cerimoniais como pias, bacias e candelabros, representação de animais, colunas, até a construção de altares e da arca, objetos ricamente ornamentados. Estes locais, além de centros de adoração, eram verdadeiros salões de artes para a época.

No contexto da escultura do tabernáculo/templo a representação de seres angelicais confere ainda mais valor ao lugar dessa arte na adoração a Deus. Na construção do tabernáculo os querubins são representados na tampa da arca da aliança, um dos lugares mais representativos da adoração a Deus (Ex. 37:6-9). No templo, além da arca da aliança, eles são representados em outros lugares (I Re. 7:29, 36; Ez. 41:17-21). Essas imagens têm sido objeto de bastante polêmica dentro do protestantismo. Em geral, por

medo de uma associação com a idolatria, elas são relegadas a um valor supérfluo. Contudo, há três verdades sobre essas figuras que não podem ser omitidas:

1) Elas são verdadeiramente obras de arte. Neste sentido, estão descartados os argumentos preconceituosos e anacrônicos que reduzem estes objetos a meros utensílios sagrados, sem nenhum valor artístico;
2) Elas foram produzidas para o uso no culto a Deus. Portanto, a escultura não é sempre um instrumento de idolatria. Ela pode ser um mecanismo de adoração ao verdadeiro Deus. Não podemos nos esquecer que todas as artes, e não apenas a esculturas, estão sujeitas à distorção;
3) A confecção dos objetos, realizada pelos maiores escultores da época, foi ordenada pelo próprio Deus, de um modo meticuloso e detalhado, no tabernáculo no deserto, no templo de Salomão e até mesmo na visão profética do templo reconstruído (Ez. 41:18-21).

O valor dado à escultura no contexto da adoração ao Deus verdadeiro revela-se no cuidado em colocar ao encargo dessas obras o mais competente perito de Israel. No caso da construção do templo, há um detalhe que confere ainda mais importância ao trabalho escultural. A obra é entregue a Hirão-Abi, um artífice pagão pela sua linhagem paterna (II Cr. 2:13, 14). Provavelmente, existiam artífices em Israel, mas Salomão, divinamente orientado, resolve escolher o homem mais hábil e perito nessa arte. Tudo isso, no final das contas, aponta para a importância da escultura no texto bíblico. Às vezes, emprega-se o argumento que Deus condena a escultura religiosa e autoriza a escultura decorativa. Este entendimento é absolutamente falso. As duas principais ocasiões em que Deus ordena a produção de objetos esculturais não têm finalidade decorativa, mas religiosa. A verdade é que, ter uma finalidade religiosa e idolatrar são noções completamente diferentes. Assim, pode-se pensar em uma finalidade religiosa para a escultura sem que isso represente, necessariamente, idolatria.

Portanto, a obra escultural, quando corretamente interpretada não representa um obstáculo à adoração a Deus. De fato, é somente por conta de uma associação equivocada e descontextualizada entre escultura e idolatria que essa expressão artística tem sido praticamente banida dos locais de culto e rituais de linha protestante. Reiterando, dentro de uma Estética Teológica da Transcendência, tais obras possuem o seu lugar e valor. Vale, enfim reforçar que o ato de idolatrar é anterior ao ato de esculpir. Isso significa que alguém que se dispõe a adorar uma escultura, muito antes, já foi introduzido em seu

coração o ídolo imaterial. Em sua obra *A alma do mundo* o filósofo inglês Roger Scruton faz uma distinção entre religiões idólatras e religiões não idólatras. Nestas últimas, os instantes específicos dos rituais contêm um impulso para ir além daquilo que está presente aos sentidos rumo a um fundamento transcendente. Se a escultura for utilizada nessa perspectiva, como veículo para o suprassensível, ela poderá legitimamente inserir-se em nossa Estética Teológica da Transcendência.

2.2 – A arquitetura

Em nosso catálogo das artes proscritas, não podemos deixar de fora a arquitetura. De fato, esta manifestação não está ausente do contexto sagrado, sobretudo, quando pensamos a sua utilização na construção de templos religiosos. O grande problema é que a arquitetura é pensada e usada de forma completamente utilitária, afastada de seu valor artístico. Na verdade, a arquitetura é muito mais uma espécie de ciência responsável pela construção dos templos. Em um nível mais crítico, nem mesmo como ciência, a arquitetura é empregada na construção dos espaços de adoração. Isso leva, na maioria dos casos, a existência de templos mal-acabados, insalubres e feios, locais que são um verdadeiro atentado contra qualquer padrão concebível de beleza, uma espécie de exaltação à feiura. Às vezes, tem-se a ideia que o descuido estético e a aparência rústica na arquitetura dos tempos são uma marca de espiritualidade e santidade.

Em matéria de arquitetura, certamente, poderíamos aprender com a concepção católica, para não falar de outras religiões. Em qualquer cidade que encontrarmos um templo católico ele, certamente, estará entre as mais belas construções do lugar. Não é simplesmente um prédio qualquer como uma loja, uma casa ou uma escola. É uma construção requintada, cuja forma e detalhes conferem um ar de solenidade e reverência ao espaço. Dito de outro modo, a beleza estética serve para reforçar a sacralidade dessa construção. É claro que não podemos condicionar a adoração ao seu aspecto meramente externo e arquitetônico, por outro lado, não podemos olhar para este elemento como algo completamente supérfluo ou contrário à autêntica manifestação da fé.

Aqueles que descartam o valor artístico da arquitetura, em geral, recorrem a três argumentos. Em primeiro lugar, tem-se a ideia que a beleza artística é algo pouco relevante para Deus. Basta uma análise mais detalhada da arquitetura do templo para constatar o equívoco dessa compreensão. O requinte, a precisão, a imponência e a riqueza de detalhes tanto do tabernáculo quanto do templo revelam que Deus está preocupado

com o aspecto estético do lugar de sua adoração. Estas construções não são simplesmente espaços funcionais, mas verdadeiras obras de arte incrivelmente belas. Para a execução desse projeto, os melhores artistas da época são convocados. Formas perfeitas, recortes precisos, proporções equilibradas, ricos ornamentos em uma espécie de materialização da beleza e santidade de Deus.

O segundo argumento baseia-se em duas confusões: entre simplicidade e banalidade e entre requinte e ostentação extravagante. Nesta linha, a falta de requinte e beleza dos templos e construções religiosas parece mais compatível com o padrão de simplicidade da adoração a Deus, ao mesmo tempo em que evita a ostentação e o excesso condenados pela Escritura. É claro que ostentação e banalidade são dois extremos que precisam ser evitados. No final das contas, são duas formas distintas de desviar a adoração a Deus. A ostentação leva-nos a uma fixação exagerada no objeto artístico, a banalidade, por sua vez, compromete o valor e suprime a sacralidade do espaço de adoração, levando, em última instância à desvalorização da própria relação com Deus. A simplicidade pode conservar o requinte, o cuidado, a precisão, a beleza, favorecendo a transcendência em direção a Deus na experiência de fé.

Por fim, o descuido para com a estética arquitetural vale-se de uma justificativa pragmática. Não devemos nos preocupar com detalhes mais artísticos dos templos porque isso, em geral, representa um custo financeiro elevado, que poderia ser empregado na expansão missionária e no auxílio aos pobres. Sem dúvida, a igreja deve estar atenta à sua vocação missionária e ao seu papel social. Isto, entretanto, não é justificativa para que ela assuma uma atitude relapsa em relação ao seu próprio templo. Certamente, o foco na beleza dos espaços de adoração só seria condenável se ele estivesse associado a uma inércia missionária e a uma insensibilidade ao próximo.

2.3 – O teatro

Dentre as artes proscritas também podemos incluir o teatro. No final do segundo século, o apologista cristão Taciano, em seu *Discurso contra os gregos*, dirigiu um severo ataque a todas as criações intelectuais gregas, considerando-as ilegítimas, perversas e idólatras, estratégias dos demônios para afastar os homens da verdade. O teatro, certamente, está entre essas artes demoníacas. Para o discípulo de Justino, o teatro deveria ser desprezado pelos cristãos por dois motivos complementares: ele era uma expressão da falsidade, além de ser usado para representar os atos mais vis e pecaminosos como o

adultério, o assassinato e o roubo. Os dois argumentos empregados pelo teólogo patrístico são bastante frágeis, sendo que o primeiro revela um total desconhecimento da natureza da artes. Ele deixa de considerar que a verdade da arte difere da verdade das ciências, da filosofia e da teologia. Por outro lado, a compreensão de Taciano sobre o teatro revela o mesmo equívoco referente à escultura, isto é, a tendência de analisar a expressão artística como um todo e de modo reducionista. A arte teatral é reduzida às encenações corrompidas do mundo greco-romano, exaltando a sensualidade e a violência, do mesmo modo que a escultura era associada ao culto idólatra.

Obviamente, na atualidade, poucos cristãos compartilhariam da visão radical de Taciano, o que não significa dizer que o teatro tenha uma larga aceitação, sobretudo, entre os grupos protestantes mais tradicionais. Para muitos cristãos, seria até concebível que a igreja promovesse um concerto musical ou um recital de poesia sacra, mas um festival de peças teatrais seria visto como um artifício mundano, uma tentativa de desviar o foco no estudo bíblico. Na verdade, a proscrição em relação à arte teatral assume expressões variadas, das mais brandas como a realização de encenações com atores sem qualquer formação ou capacidade dramática, até as mais rigorosas que banem a arte cênica por considerá-la um obstáculo à pregação do Evangelho propriamente dita e um incentivo à corrupção dos costumes. Considerando esse aspecto mais radical, analisaremos brevemente alguns argumentos mais utilizados para a eliminação do teatro seja no contexto da igreja ou como manifestação das verdades divinas em um sentido mais amplo. A nossa hipótese inicial é que o teatro, a exemplo, das artes anteriores, pode inserir-se em uma Estética Teológica da Transcendência.

Às vezes, o teatro é considerado incompatível com o culto a Deus porque ele teria a capacidade de retirar o foco na glória de Deus, transferindo a atenção para o homem (o ator). Esse argumento está baseado em uma generalização injustificada. O desejo de glória ou a tendência de glorificar a criatura não é inerente à arte ou ao teatro em particular. Isso significa que um ator não é necessariamente alguém que usa sua arte para se autoglorificar, nem os que prestigiam sua apresentação deixarão sempre de atribuir a gloria a Deus por exaltarem indevidamente o artista. A prova disso, é que a glória divina pode ser suprimida de várias maneiras, por meio dos ofícios mais nobres, seja por meio de um cantor que comunica com sua música verdades sublimes da fé, simplesmente ambicionando a fama, seja por meio de um pregador que arrebata multidões, simplesmente pelo desejo doentio de ouvir aplausos. Como nos lembram Pascal e

Kierkegaard, o homem pode até mesmo praticar as obras do amor buscando a sua própria glória, como pode também realizar todas estas coisas para a glória de Deus.

O problema fundamental, portanto, não é o teatro, mas o desejo cego de glória enraizado no coração do homem. Em sua análise da cosmovisão calvinista, o teólogo holandês Abrahan Kuyper resgata a visão reformada do teatro. Ele nos mostra que o combate dos pioneiros da Reforma não era contra o teatro propriamente dito, mas contra aquilo que ele designa como sacrifício da moral, expresso nas encenações e, sobretudo, na vida dos atores. Trata-se do uso do teatro como expressão da corrupção moral e do afastamento do homem de Deus. É claro que qualquer expressão artística que tenha essa finalidade não pode encontrar acolhida na Estética Teológica da Transcendência. Este mesmo princípio serve para refutar a recusa do teatro baseado na ideia que a sua única finalidade é entreter. Bem orientada, a arte teatral pode ser um instrumento bastante eficaz de comunicação das verdades divinas, deixando impressões na mente do crente que podem trazer fortalecimento à sua fé.

Um segundo argumento baseia-se na compreensão que o uso do teatro, sobretudo, na igreja, seria um substituto da exposição da Escritura. Este argumento, diferente do anterior, possui alguma pertinência. De fato, nenhuma manifestação artística pode substituir a proclamação escriturística, mas ela, certamente, pode ser empregada de uma maneira complementar. No contexto do culto, infelizmente, temos um problema seríssimo de espaço que afeta não apenas o teatro, mas todas as artes que precisam de tempo para a execução como a música ou a poesia (declamação). Realmente, não dá para pensar em arte teatral na igreja com programações semanais de uma hora e meia. Desse modo, muito provavelmente, o teatro substituiria a exposição bíblica. Seria necessária, portanto, uma reformulação da programação, sobretudo, em relação ao tempo, para que esse recurso fosse utilizado de modo salutar.

Consideremos um argumento mais sofisticado. Há quem diga que o teatro, dado o seu caráter extremamente efêmero, não é compatível com as verdades sublimes e permanentes do Cristianismo. Estrito senso, nenhuma arte, ciência ou linguagem é totalmente compatível com a grandiosidade da verdade divina. No final das contas, todas elas fornecem apenas uma mediação. No entanto, é pertinente a observação de que o teatro é uma arte efêmera, talvez, a mais efêmera de todas. Isso, contudo, não significa que ela não tenha a capacidade, como todas as artes, de deixar impressões permanentes na mente do espectador, levando-o a momentos singulares de transcendência e enlevo

espiritual. Ademais, como o teatro tem o poder de aglutinar as demais artes, ele acaba ganhando maior expressividade. Em uma apresentação teatral podem estar presentes a poesia, a música, a pintura, a escultura a arquitetura, etc.

Por fim, o teatro bem orientado, poderia ser um instrumento bastante apropriado na expressão da fé, seja em contextos externos à igreja ou mesmo nas programações dos cultos regulares. Obviamente, no espaço do culto público, a apresentação deverá estar condicionada a uma readequação do tempo e da programação, a fim de que a exposição da Escritura não seja sacrificada. Claro que é preciso ressaltar que seu objetivo não é atrair pessoas para a igreja, mas atrair as pessoas que estão na igreja para Cristo; não é entreter, mas comunicar de um modo lúdico as verdades profundas do evangelho.

2.4 – O grafite

Não poderíamos concluir o nosso breve catálogo das artes proscritas sem uma palavra sobre uma das expressões mais contemporâneas de arte: o grafite, ou grafito. Esta manifestação consiste em desenhar em superfícies, geralmente externas, não concebidas inicialmente para este fim como muros, praças, viadutos e paredes externas de edifícios. Em geral, os desenhos são marcados pela irreverência, pela ironia e pela denúncia social. Erroneamente confundida com pichação, o grafite é amplamente reconhecido como uma das expressões das artes visuais, sendo utilizada para conferir beleza às paisagens urbanas.

Sem dúvida, em virtude de seu caráter irreverente e pela sua associação indevida com o crime de pichação, o grafito é visto com bastante reservas pelos cristãos em geral. Não é muito comum ver muros de igrejas, sobretudo, protestantes ornamentadas com essa arte, e é bem provável que um artista do grafito, ao se converter ao evangelho, seja logo aconselhado a se dedicar a uma arte mais compatível com a seriedade do Cristianismo. Não obstante, a tese que temos defendido até aqui, de que a arte nos leva a uma autêntica experiência de transcendência, aplica-se também a essa modalidade artística.

Como, entretanto, poderíamos conciliar o caráter mais irreverente e irônico do grafite com a solenidade e seriedade das verdades divinas? Antes de tudo, precisamos estabelecer uma distinção entre irreverência e informalidade ou leveza. Por irreverência designamos a quebra da solenidade na relação com Deus e na expressão de suas verdades. No contexto religioso, o grafite, embora marcado por um tom informal, pela leveza estética e pelo improviso, não viola a solenidade da relação com Deus e leva as suas

verdades a sério. A verdade não precisa ser comunicada sempre de modo austero e inflexível. A verdade não tem sempre um olhar severo, ela, também costuma sorrir. O próprio Jesus, em suas mensagens recorria à leveza das parábolas e ao gracejo das ironias.

NOTA FINAL

Como afirmamos acima, a relação com Deus não depende da mediação da arte. Por outro lado, não há dúvida que os objetos artísticos conferem vivacidade, dinamismo e beleza a essa relação. Deus não precisa que os anjos o louvem com música. A própria existência do anjo que lhe reverencia e obedece é um ato perene de louvor, mas o Altíssimo, em sua providência, quis embelezar esse louvor com a música. A adoração é um tributo à pessoa e obra de Deus, o que pode ser realizado sem a mediação artística, mas a arte enriquece essa adoração. Deus permitiu que a arte fosse um tributo à sua glória. Permitiu que a música expressasse a harmonia do seu ser, que poemas versificassem seus feitos, que pinturas dessem vida e cor as suas verdades, que a escultura desse forma e proporção às suas ideias, para que pudéssemos olhar para o mundo, na célebre expressão de Calvino, como o grande teatro de Deus.

O presente ensaio, ao se debruçar sobre o conceito de Estética Teológica da Transcendência, trouxe à tona a discussão acerca do valor de transcendência de certas manifestações artísticas, em geral, pouco valorizadas pela tradição protestante, sobretudo, em suas vertentes mais conservadoras. Obviamente, o ensaio se constitui em uma provocação inicial. De fato, muito ainda precisa ser dito acerca desse assunto. Questões que passam tanto pelo aprofundamento das reflexões aqui apresentadas como a inserção, no catálogo das artes proscritas, de outras manifestações a exemplo da moda, da comédia e do cinema.

REFERÊNCIAS:

AGOSTINHO. **A Trindade.** São Paulo: Paulus, 2018.

_____. **Confissões.** São Paulo: Paulus, 2016.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada:** antigo e novo testamentos. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada:** edição pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

CALVINO. **As institutas da religião cristã.** São José dos Campos: Fiel, 2018.

KUYPER, Abraham. **Calvinismo.** São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

SCRUTON, Roger. **A alma do mundo:** a experiência do sagrado contra o ataque dos ateísmos contemporâneos. São Paulo: Record, 2017.

_____ **Beleza.** Lisboa: Guerra e Paz. 2009.

TACIANO. **Discurso contra os gregos.** In: Padres apologistas. São Paulo: Paulus, 2018.

SWINBURNE, Richard. **Deus existe?** Brasília: Monergismo, 2014.

WEIL, Simone. **Espera de Deus.** Petrópolis: 2019.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray.** São Paulo: Penquin, 2012.